

INTEGRAÇÃO DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: UTILIZANDO AS MÍDIAS NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA

Integration of Media in Education: Using Media in Education and Learning Processes in History

Virgine Borges de CASTILHO¹
Julio Cesar Bresolin MARINHO²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender a importância da utilização das mídias nos processos de ensino e aprendizagem em História. Para isso, é válido conceituar e delimitar quais mídias serão estudadas dentro do tema e, também, contextualizar as teorias no que concerne aos processos de ensino e aprendizagem. Por meio da pesquisa bibliográfica, foi possível compreender a questão dos processos de ensino e aprendizagem em História juntamente com o uso das mídias dentro da sala de aula. Em um segundo momento, as mídias propostas (vídeos, filmes, documentários e desenhos animados) foram exploradas e interpretadas pelos pesquisadores dentro do contexto de ensino em História. A ideia consiste em conhecer tais mídias e saber utilizá-las de forma que o estudante, a partir destes recursos, reconheça o seu papel dentro da História. Esta é a relevância do estudo: a prática de novos métodos nos processos de ensino e aprendizagem em História a favor do desenvolvimento do pensamento crítico. Após o levantamento de dados, destacaram-se, ao menos, três aspectos: as mídias proporcionam um momento de descontração aos alunos e, assim, eles conseguem aprender de maneira eficaz quando gostam da dinâmica da aula; o ensino não deve ser opressor, mas próximo à realidade dos alunos, que é alheia às novas tecnologias; o professor mediador deverá propor as mídias como fontes aliadas na construção da História.

Palavras-chaves: Mídias. História. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to understand the importance of the use of media in teaching and learning processes in History. For this, it is valid to conceptualize and delimit which media will be studied within the theme and also to contextualize the theories regarding the teaching and learning processes. Through the bibliographic research it was possible to understand the issue of teaching and learning processes in History along with the use of the media within the classroom. In a second moment, the proposed media (videos, films, documentaries and cartoons) were explored and interpreted by the researchers within the context of teaching in History. The idea is to know these media and know how to use them so that the student from this resource recognizes their role within the story. This is the relevance of the study, that is, the practice of new methods in the processes of teaching and learning in History in favor of the development of critical thinking. After collecting data, we understand at least three aspects: the media provides a moment of relaxation for the students and thus, they can learn effectively when they enjoy the dynamics of the class; Teaching

¹ Licenciada em História e Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. virgine.borges@gmail.com.

² Mestre em Educação em Ciência. Professor da Universidade Federal do Pampa – Campus Uruguaiiana. juliomarinho@unipampa.edu.br.

should not be oppressive but close to the reality of students that is alien to new technologies; The mediating teacher should propose the media as allied sources in the construction of history.

Keywords: Media. History. Teaching. Learning.

INTRODUÇÃO

O ensino de História não pode ser encaixado exclusivamente em livros didáticos e artigos acadêmicos. De fato, as bibliografias são e certamente serão, por um longo tempo, importantes para o conhecimento acadêmico. Contudo, é preciso expandir os horizontes e olhar as mídias como fontes favoráveis ao conhecimento. Acreditamos que é importante conhecer tais mídias e saber utilizá-las para propiciar ao estudante o reconhecimento do seu papel dentro da História. Esta é a relevância deste estudo: a prática de novos métodos nos processos de ensino e aprendizagem em História a favor do estímulo do pensamento crítico.

Dentro deste contexto, surge a questão: de que maneira as mídias podem colaborar nos processos de ensino e aprendizagem em História? Essa é a questão-chave que buscamos compreender com este estudo. Como recorte, analisamos vídeos, filmes, documentários e desenhos animados. Todos os recursos audiovisuais foram explorados dentro dos processos de ensino e aprendizagem em História.

Assim, o objetivo principal do estudo é compreender a importância da utilização das mídias nos processos de ensino e aprendizagem em História; já os objetivos específicos consistem em: buscar alternativas de metodologias que visem ao ensino de História com o uso das mídias; e analisar a prática do professor de História diante dos novos métodos, ou seja, frente às mídias propostas.

REVISÃO DE LITERATURA

Com o desenvolvimento da sociedade contemporânea, a cada o ano, surgem novas tecnologias digitais da informação e da comunicação, sendo estas cada vez mais desenvolvidas e especializadas. Nesse cenário, a escola ou as instituições de ensino precisam inteirar-se dessa nova realidade a qual os alunos vivenciam. Assim, é esperado que o professor conheça essas novas tecnologias e que se aproprie delas na sua prática pedagógica. Sousa e Serafim (2011, p. 20) mencionam que:

A aplicação e a mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças.

Para os autores a integração entre o cenário escolar e as vivências em multimídias possibilita:

A dinamização e a ampliação das habilidades cognitivas, devido à riqueza de objetos e sujeitos com os quais permitem interagir; a possibilidade de

extensão da memória e de atuação em rede; ocorre a democratização de espaços e ferramentas, pois estas facilitam o compartilhamento de saberes, a vivência colaborativa, a autoria, coautoria, edição e a publicação de informações, mensagens, obras e produções culturais tanto de docentes como discentes (SOUSA; SERAFIM, 2011, p. 22).

A possibilidade de trabalhar com ferramentas de mídias digitais dentro da sala de aula proporciona um caminho diferente do tradicional, isto é, o ambiente escolar tende a não ser fechado fundamentalmente em livros e papéis impressos. Sobre esse assunto, Bevorti e Belloni (2009, p. 1083) acrescentam que:

Também é preciso ressaltar que as mídias são importantes e sofisticados dispositivos técnicos de comunicação que atuam em muitas esferas da vida social, não apenas com funções efetivas de controle social (político, ideológico...), mas também gerando novos modos de perceber a realidade, de aprender, de produzir e difundir conhecimentos e informações.

Resumidamente, essas novas ferramentas tendem a renovar as interações e expressões. Entretanto, ainda é um desafio, tanto para as instituições como para os professores, a questão da integração das tecnologias de informação e comunicação na sala de aula. A autora sugere mudanças radicais, o que incluiria a “formação dos professores; pesquisa voltada para metodologias de ensino, nos modos de seleção; aquisição e acessibilidade de equipamentos; materiais didáticos e pedagógicos, além de muita criatividade” (BELLONI, 2009, p. 10). Além dessa proposta, defendem que o professor deve ser um mediador, aberto ao diálogo e ciente de que o aluno será capaz de produzir conhecimento conforme a sua realidade, respondendo de maneira criativa e motivada.

Na educação contemporânea, dentro da sala de aula, o professor ainda é visto como o detentor de todo o conhecimento e o aluno é aquele que apenas recebe o que lhe é ensinado (SOUSA; SERAFIM, 2011). Ainda não há um estímulo de ouvir o aluno sobre o seu aprendizado vindo da *internet*, da TV, da rádio ou das ruas. Muitos professores e, também, a gestão escolar não consideram as diferentes formas de aprendizagem. Visualizamos, assim como Sousa e Serafim (2011, p. 24-25), que “os meios de comunicação informática, revistas, televisão, vídeo têm atualmente grande poder pedagógico visto que se utilizam da imagem e também apresentam conteúdo com agilidade e interatividade”.

Nesse sentido, tanto na disciplina de História como na educação em geral, os alunos ainda não conseguem associar o aprendizado de dentro da sala de aula com as experiências de vida que vivenciam fora dos muros da escola. Por isso, é importante que os professores conheçam a realidade dos alunos e que haja disponibilidade, preparo e vontade de incorporar as mídias digitais nos ambientes educacionais para que ocorra a aproximação entre educação e realidade, pois, desta forma, o aluno conseguirá verdadeiramente aprender.

Assim, entende-se que a sala de aula não é o único lugar onde ocorre a aprendizagem e que a comunicação pode proporcionar, através de variados meios, a formação de diferentes ambientes de aprendizagem e uma maior participação dos alunos nas relações de ensino. (SOUSA; SERAFIM, 2011, p. 26)

A grande parte dos alunos é acostumada com as novas tecnologias e vivencia constantemente as interações midiáticas. Todavia, o professor ainda é estimulado durante o ensino superior a ensinar com o método tradicional, ou seja, utilizando impressões. E mesmo que este

venha a trazer as mídias para dentro da sala, ainda assim, acaba, por vezes, reproduzindo o método tradicional com a mídia proposta. A questão é o saber utilizar a mídia. Mediante estudos de Mayer (2001), Souza e Serafim (2011, p. 27-28) mencionam:

quando a mensagem é pobremente desenhada, os alunos têm mais dificuldade em compreendê-la, sendo a carga cognitiva extrínseca elevada; quando a mensagem está bem estruturada e apresentada, a carga cognitiva é minimizada. Afirma que temos que nos *envolver* ativamente num processamento cognitivo para construirmos uma representação mental coerente. Isso inclui prestar atenção, organizar a nova informação e integrá-la no conhecimento existente. Este processo envolve ativar o conhecimento na memória em longo prazo e trazê-lo para a memória em curto prazo.

As crianças e os adolescentes são os que têm mais interesse pelas mídias digitais e, em razão disso, tais ferramentas são vistas como produtos de entretenimento. Entretanto, as mídias podem e devem ser utilizadas como atividades de ensino e aprendizagem. O vídeo que não é uma ferramenta tão nova é, muitas vezes, mal explorado dentro da sala de aula. O envolvimento dos alunos desenvolve o pensamento crítico, a autonomia, propõe o dinamismo e, conseqüentemente, a assimilação do conhecimento. O aluno não precisa ficar cinquenta minutos ouvindo o professor e sendo mero expectador. O método tradicional necessita de reformas, uma vez que a melhor maneira de aprender é colaborando, investigando e sendo parte da construção do conhecimento. “O desafio está na mudança de concepção que diz respeito às aprendizagens, não somente das tecnologias, mas do que ensinar, trata-se de fazer aprender” (SOUSA; SERAFIM, 2011, p. 50).

Em relação ao ensino, Freire (1996, p. 12) destaca que:

ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

O autor admite que os professores precisam refletir sobre a prática e que somente assim haverá uma melhoria. Assim como Sousa e Serafim (2011), Freire (1996) defende a autonomia do aluno na construção do conhecimento. Não somente isso, ele acredita que o professor deve realizar o seu trabalho com alegria, tendo bom senso em sua prática, respeitando e dialogando com os alunos. É importante enfatizar também que o professor deve sempre buscar o conhecimento, tornando-se, desse modo, um profissional confiante e respeitável. A postura do professor dentro da sala de aula também faz toda a diferença para o aluno, mesmo os pequenos gestos podem mudar o rumo da aprendizagem. A relação professor e aluno deve ser harmoniosa e isso não é somente uma questão de boa convivência ou ética, mas trata-se da melhoria da aprendizagem. Em outras palavras, quanto mais houver respeito, diálogo, educação, empatia – na relação professor e aluno – melhor será a aprendizagem do aluno.

Em relação à gestão e à prática escolar, Moran (2000) ressalta a importância do planejamento, o saber lidar com as mudanças e os imprevistos. Dessa forma, deve haver um equilíbrio entre planejamento e criatividade, levando em consideração cada um, proporcionando um sentimento de apoio.

Com a flexibilidade procuramos adaptar-nos às diferenças individuais, respeitar os diversos ritmos de aprendizagem, integrar as diferenças locais e os contextos culturais. Com a organização, buscamos gerenciar as divergências, os tempos, os conteúdos, os custos, estabelecemos os parâmetros fundamentais. Traçar linhas de ação pedagógica maiores (gerais) que norteiem as ações individuais, sem sufocá-las. Respeitar os estilos de dar aula que dão certo. Respeitar as diferenças que contribuam para o mesmo objetivo. Personalizar os processos de ensino-aprendizagem, sem descuidar o coletivo. Encontrar o estilo pessoal de dar aula, onde nos sintamos confortáveis e consigamos realizar melhor os objetivos. (MORAN, 2000, p. 138)

Mesmo que o aluno tenha a oportunidade de obter informações de maneira fácil e rápida pela *internet*, cabe ao professor compreender os dados e contextualizá-los com sua disciplina. Na perspectiva de Moran (2000), a responsabilidade de aprendizagem não deve ser atribuída exclusivamente ao professor, pois o aluno também precisa estar pronto ou disposto a compreender as informações, visto que tais informações devem ser significativas para ele, ou seja, as informações precisam fazer parte do contexto social, emocional e intelectual do aluno. Por isso, é fundamental a aproximação da realidade do aluno com a sala de aula, seja com a integração das mídias, com as linguagens ou demais metodologias.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica sobre a importância das mídias na aprendizagem em História. Apesar da grande semelhança com a pesquisa documental, a pesquisa bibliográfica abrange fontes já elaboradas, ou seja, teorias analisadas e publicadas por meio de livros, artigos e páginas da *web*.

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, *sites* da *internet* entre outras fontes (PIZZANI et al., 2012, p. 54).

Ao escolher a pesquisa bibliográfica como metodologia, deve-se ter em mente o tema da pesquisa, levando em consideração os três tipos de fontes: primárias, secundárias e terciárias.

Antes de iniciar o trabalho de uma pesquisa bibliográfica, Volpato (2000) recomenda que se tenha claro e definido o tema da pesquisa. Nessa fase, o pesquisador deve formular um título para o seu levantamento bibliográfico e identificar os termos que expressem o seu conteúdo, não só no idioma português, como também em outros, principalmente em inglês, por ser o idioma de grande acesso mundial. (PIZZANI et al., 2012, p. 57)

As fontes primárias correspondem às ideias originais dos autores publicadas em livros, artigos científicos, revistas, etc. As secundárias são as ideias originais revisadas e interpretadas por outros autores, como enciclopédias e artigos de revisão. Já as terciárias são as fontes categorizadas

das primárias e secundárias, exemplo, listas bibliográficas (PIZZANI et al., 2012).

Por meio da pesquisa bibliográfica, procuramos compreender a questão dos processos de ensino e aprendizagem em História juntamente com o uso das mídias dentro da sala de aula. É nesse segundo instante que as mídias propostas (vídeos, filmes, documentários e desenhos animados) foram exploradas e interpretadas pelos pesquisadores dentro do contexto de ensino em História. Nessa parte, é importante ressaltar que o foco residiu em compreender as possíveis práticas de um professor de História que utiliza tais mídias propostas para a aprendizagem. Assim sendo, os conteúdos dos vídeos, filmes, documentários e desenhos animados foram escolhidos de forma aleatória, isto é, baseados na pesquisa bibliográfica e dentro do contexto da disciplina de História. Em geral, a ideia é analisar as práticas que envolvem tais mídias dentro da disciplina, desse modo, os conteúdos podem ser modificados. Como exemplo, pensemos em um professor pode exibir um documentário sobre o Golpe de 64 em uma dada série escolar e, para outra, sobre a Segunda Guerra Mundial. Os conteúdos se modificam, mas a prática continua e será primordial no momento da aprendizagem, pois não basta apenas o professor trazer as mídias para dentro da sala de aula, é preciso que ele saiba utilizá-las a favor da aprendizagem, do conhecimento e do pensamento crítico.

De certa forma, o presente estudo corresponde a um plano de aula ou um ensaio sobre um método que utiliza as mídias e que poderá facilitar na aprendizagem dos alunos. A pesquisa tende a trabalhar, elaborar, examinar e interpretar possibilidades que podem colaborar nos processos de ensino e aprendizagem em História, não sendo desmerecida pela ausência de prática. Dialogar, propor, corrigir e discutir são verbos, sobretudo, fundamentais na construção do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme a proposta deste artigo, discutiremos a respeito das possíveis práticas nas quais os professores de História podem se espelhar ao utilizar as seguintes mídias: vídeos, filmes, documentários e desenhos animados. Apresentaremos algumas ideias baseadas na pesquisa bibliográfica, visto que existem inúmeras possibilidades de associar mídias com o ensino de História a favor da aprendizagem.

Vídeos

Sabe-se que o vídeo não é um recurso educacional recente. Desse modo, existem diversas formas de se trabalhar com essa ferramenta em sala de aula. Há alguns anos, a exibição de filmes, curtas, *trailers* e documentários, em ambiente escolar, eram opções consideradas inovadoras. Estas ainda têm seu espaço e sendo as principais escolhas entre docentes. Contudo, com o avanço da tecnologia e das mídias, hoje, existe a possibilidade de o aluno ou o professor realizarem as suas próprias produções.

Antes de nos aprofundarmos no assunto, é necessário conhecer a questão proposta e suas metodologias. Moran (1995) concorda que o vídeo auxilia os professores e atrai a atenção dos alunos, aproximando a sala de aula do cotidiano.

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços. (MORAN, 1995, p. 28)

Tal recurso requer atenção, pois a simples exibição de vídeos em sala de aula não basta para que a finalidade de aprendizagem se concretize. Moran (1995) cita pelo menos cinco usos inadequados: 1) Vídeo tapa-buraco: ocorre quando acontece algo não planejado pelo professor; 2) Vídeo-enrolação: o professor exhibe um filme não relacionado à disciplina; 3) Vídeodeslumbramento: quando o professor exagera e sempre utiliza a mesma ferramenta; 4) Vídeoperfeição: o professor questiona e problematiza todos os vídeos; 5) Só vídeo: o professor não debate o filme, não o integra com a disciplina e não destaca suas cenas importantes.

Esses são os principais erros que muitos professores ainda cometem devido à má formação acadêmica, em razão da falta de apoio da gestão escolar, entre diversas razões. O vídeo, seja um desenho ou documentário, deve ser um instrumento que, ao mesmo tempo, chame a atenção do aluno, proporcionando um momento descontraído, e tenha seu papel educativo e reflexivo. É totalmente possível e natural associar diversão com aprendizagem, o ensino não precisa ser um sistema opressor. Ao planejar, o professor deve levar em consideração a relevância do vídeo, sua qualidade, as fontes de produção, bem como o preparo de atividades.

No campo da disciplina de História, há diversas possibilidades da articulação entre vídeos e o conteúdo, porém trata-se de um método no qual o professor precisa necessariamente debater com os alunos, pois a maioria das produções não condiz com a realidade dos fatos. Isso significa que até mesmo documentários, que têm um viés supostamente baseado em fatos reais, carregam consigo a visão dos autores sujeitos à historicidade. Além disso, são produções feitas para ganhar público, logo, aumentam as chances de inveracidade.

A imparcialidade é um requisito que é esperado tanto por parte do historiador, como por produções baseadas em fatos verídicos. No entanto, nem sempre isso ocorre. Uma maneira de demonstrar essa situação para os alunos é pedir para que eles sejam autores dos seus vídeos. Isso une a disciplina de História com as novas tecnologias, acrescentando a autoria dos alunos, tão importante para a aprendizagem.

Dentro da disciplina, o professor pode pedir aos alunos que eles filmem entrevistas por meio de dispositivos móveis ou filmadoras³. Depois de organizar os materiais, o professor pode sugerir que os alunos façam entrevistas com suas famílias, amigos e/ou colegas a respeito da história da cidade, do bairro, da rua, enfim, de um ambiente que lhes seja próximo. Em seguida, o professor deve orientar os alunos sobre a postura do entrevistador no momento de colher os depoimentos. Desde essa parte até a formulação das perguntas, os alunos estarão próximo da História Oral, que é tão significativa na construção da História. Ao final da atividade, os alunos podem produzir vídeos no laboratório de informática da escola ou nos próprios dispositivos móveis, utilizando editores de vídeos. É nessa parte que o professor deve ter conhecimento das mídias sugeridas, de modo que seja um mediador para o aluno. Finalizando a atividade, os alunos perceberão como eles fazem parte da História e como eles podem escrevê-la, observando as diversas perspectivas dos demais alunos, sendo sujeitos dessa disciplina aparentemente tão distante da realidade deles.

Filmes

O filme, da mesma categoria dos vídeos, também é uma ferramenta metodológica que requer maior atenção quando é exposta em sala de aula. Esse recurso é benéfico à interatividade em aula, pois o aluno não fica limitado a apenas ouvir longos discursos do professor. Entretanto, é preciso que o educador saiba lidar com essa mídia para que a aprendizagem aconteça. Moran (1995) já nos

³ Caso muitos alunos não tenham tais dispositivos, a atividade pode ser realizada em grupos ou até mesmo, os dispositivos podem ser emprestados e supervisionados pelos seus donos. Apesar dos obstáculos, é válido informar que tal proposta é possível de ser realizada em comunidades mais carentes. Na falta de materiais, o papel é um meio de transcrever a história oral.

alerta sobre os cuidados com os vídeos, como os “vídeos tapa-buracos”, a crítica excessiva do professor, o exagero do recurso, os vídeos fora do contexto da disciplina, entre outros. Esses apontamentos devem ser levados em consideração em todas as categorias relacionadas a vídeos.

Antes da exibição do filme na sala de aula, o professor precisa elaborar um planejamento para pôr em prática. Necessariamente, o filme escolhido deve estar dentro do contexto da disciplina. Além disso, a escola precisa disponibilizar tais recursos, seja um televisor ou um projetor. Averiguada a situação, o filme obrigatoriamente precisa se encaixar na faixa etária dos alunos, incluindo o roteiro e a linguagem.

Feito os princípios básicos, Moran (1995) aponta algumas atitudes consideráveis sobre o antes, durante e depois da exibição. Vejamos:

Antes da exibição, o professor precisa conhecer o filme e a qualidade do arquivo. Informar aos alunos sobre o ano em que foi produzido, os diretores, a duração, o local, as premiações e, assim, elaborar em uma breve introdução, sempre atento aos pré-julgamentos, evitando sobrepor sua interpretação do filme para que cada aluno tenha as próprias perspectivas. Sanchez (2014) sugere uma prática interessante antes da exibição do filme:

Nesta primeira aula, o professor poderá fazer uma discussão sobre o que os alunos entendem por “História” e porque eles estudam essa disciplina na escola. O professor deve ir anotando na lousa o que os alunos forem respondendo sobre essa questão. Uma sugestão de leitura ao professor é o livro “Apologia da História ou o Ofício do Historiador” do autor Marc Bloch. Nesse livro, o autor faz uma discussão sobre o trabalho do historiador, sobre o que é a ciência História. O professor deverá perguntar aos alunos o que eles entendem como documento histórico, visto que a intenção das próximas aulas é trabalhar com algumas fontes de documentos. No final da aula, o professor deverá explicar o caráter dessas aulas e o objetivo a ser alcançado. O professor deverá fazer uma discussão sobre a escolha da fonte, nesse caso, majoritariamente o cinema, e sobre as obras escolhidas. Nesse caso, os filmes foram escolhidos a partir do conteúdo programado para a disciplina de História para o 2º ano do Ensino Médio, com o foco em: Absolutismo Monárquico e Colonização da América do Norte (SANCHEZ, 2014, s.p.).

O professor pode propor um pequeno diálogo com os alunos antes da exibição, sugerindo que eles fiquem atentos às partes que consideram mais relevantes, se algum aluno já assistiu ou quais são as expectativas deles sobre a produção (SANCHEZ, 2014).

Durante a exibição, o professor deve permanecer atento à reação dos alunos e, se for necessário, fazer uma pausa em algumas cenas que mereçam breves comentários. Já após a exibição, se for pertinente, rever as cenas mais complexas ou importantes. Caso a produção seja de difícil compreensão, rever tudo novamente observando determinadas cenas, diálogos, situações (MORAN, 1995). Por fim, mostrar as imagens mais significativas, observar os sons e as frases de impacto.

Logo após a exibição do filme, o professor deve propor uma atividade referente à produção. Há muitas atividades que podem enriquecer a discussão, então, cabe ao professor elaborar aquela que mais se encaixa ao perfil dos alunos. O debate é um método eficiente de averiguar a percepção dos alunos. O professor pode optar por mostrar as cenas e fazer comentários conforme as dúvidas dos alunos, sendo um mediador.

O professor não deve ser o primeiro a dar a sua opinião, principalmente em matérias controvertidas, nem monopolizar a discussão, mas tampouco deve ficar encima do muro. Deve posicionar-se, depois dos alunos, trabalhando sempre dois planos: o ideal e o real; o que deveria ser (modelo ideal) e o que costuma ser (modelo real) (MORAN, 1995, p. 5).

A atividade pode ser realizada com toda a turma, em grupos, individualmente ou, até mesmo, utilizando-se as três opções. Sanchez (2014) propõe alguns exemplos:

As expectativas foram alcançadas? Sobre a questão do título do filme, o que vocês pensam agora? Mudou alguma coisa? Qual o tema geral do filme? Quais as impressões de vocês? Qual a época que foi retratada? Quais países, povos, religiões e culturas retratadas no filme? (SANCHEZ, 2014, s.p.).

Existem outras formas de propor a discussão e elaborar as atividades, isso irá depender também da dinâmica da produção. O primordial, nesses casos, é estimular o diálogo e evitar os erros nocivos à aprendizagem.

No campo da História, há muitas opções de filmes: nacionais, hollywoodianos, bollywoodianos, europeus, iranianos, *Korean Movies*, *Japanese Movies*, *Chinese Movies*, entre tantos outros. A princípio, o ideal é que sejam filmes comuns ou aqueles mais vistos e premiados, pois alguns filmes ditos “cult” exigem um conhecimento maior sobre cinema. Como referência, o filme “V de Vingança” (2006) é um filme que se encaixa até mesmo com os atuais acontecimentos no Brasil. Trata-se de um filme que mostra a manipulação dos políticos sobre a sociedade inglesa e a questão da liberdade do povo. Então, é um tipo de roteiro próximo à realidade dos alunos, uma vez que, em muitas manifestações do Brasil, principalmente as de 2013, os manifestantes usaram a máscara com o rosto de Guy Fawkes e este participou da “Conspiração da Pólvora” (1605). Logo, temos um exemplo de questionamento: o que representa essa máscara no presente e qual o papel de Fawkes nessa traição? Muitas perguntas podem ser elaboradas a partir desse filme, quanto a conceitos como capitalismo, anarquismo e liberdade, que são pertinentes ao contexto.

Documentários

De maneira geral, pode-se dizer que a maioria dos documentários de História mostra imagens e cenas reais dos acontecimentos já vividos, além da narração baseada em dados reais. Quando se trata de um tema recente, depoimentos fazem parte desse tipo de produção. Essa é a perspectiva do documentário: um filme não ficcional.

O documentário foi desenvolvido no início do século XX, na década de 1930, com intuito de ser “cinema-verdade”, defendendo a ideia da fiabilidade do “olho da câmera”, ou seja, mais fiel à realidade que o olho humano referente a algo que tem caráter de documento, esse tipo de mídia está ligado a fatos, acontecimentos e personagens históricos, O documentário “constitui” os fatos, selecionando os vestígios do passado e envolvendo-os em uma “narrativa”. Costumeiramente ignora a ficção geral, o que o conduz a utilizar imagens do momento (SOUZA, 2011, p. 2-3).

Esse momento também é oportuno para demonstrar aos alunos a importância da História Oral, dando destaque aos métodos que qualificam essa prática. A intenção desse tipo de narrativa é

apresentar os fatos como realmente representam, ainda que tenha esse viés não fictício, existe a possibilidade de dramatização da produção.

Quando o professor utiliza o documentário em sala de aula, deve levar em consideração que as imagens não são meramente ilustrativas. Se o aluno não compreende o conteúdo das imagens ou da narrativa, o professor tem o dever de explicar a questão.

Para trabalhar o documentário com os alunos, propõe-se que ele não seja utilizado para ilustrar, mas para apresentar o fazer histórico, como a história é feita e suas diversas formas de escrita, comparando-o ao fazer documentário. Isso colocado, há de se lembrar de que qualquer profissional da educação que queira utilizar algum recurso audiovisual em sala de aula deve ter um mínimo de conhecimento técnico sobre o assunto. Negar tal saber é cair na armadilha de um cine-ilustração. Os recursos audiovisuais (dentre eles, o documentário) devem gerar um novo conhecimento, e não simplesmente interpretações superficiais (SALES, 2009, p. 242-243).

Assim como o filme, o documentário exige a mesma atenção antes de ser explorado em sala de aula. É necessário avaliar a qualidade da produção, a possibilidade da execução e, sobretudo, informar aos alunos os dados relevantes da obra, como diretores, produtores, ano, local, etc. Ao realizar uma breve introdução sobre o conteúdo a ser trabalhado, o professor estará estimulando a reflexão dos alunos. Lembrando que, nessa parte, o professor precisa evitar dar opinião ou fazer juízo de valor sobre o documentário, já que isso pode influenciar o raciocínio dos alunos. A ênfase inicial deve recair no conteúdo da produção e, só posteriormente, na opinião.

A preocupação do professor deve ser, na medida do possível, fazer uma análise fílmica crítica geral, que observe: os produtores, a produção, o conteúdo. Também deve procurar mostrar como foi construído historicamente aquele discurso. Compará-lo a outros discursos de tradições divergentes. E criar oportunidades para construção de um novo discurso por parte dos estudantes, essa produção pode ser textual, oral, em forma de filme, teatro, ou em debates, etc. Não há um formato específico, o que importa é que os educandos manifestem o que apreenderam como produto e registre o seu próprio ponto de vista (SOUZA, 2011, p. 5).

Conforme Souza (2011), uma maneira de trabalhar o documentário em sala de aula é sugerir discursos divergentes para que os alunos compreendam a construção da historiografia, isto é, trazer documentários ou textos que se contraponham ao livro didático ou que reforcem conteúdos que são pouco elaborados no livro. Portanto, para trabalhar o documentário em sala de aula, é ideal que o professor aponte interpretações e apresente um debate, nunca para a desqualificação da obra, mas sim para problematizá-la (SALES, 2009).

Documentários que enfatizam civilizações antigas, por exemplo – os Maias – agregam ao conhecimento dos alunos, pois há muitos livros didáticos de História que não desenvolvem esse tema que é relativamente complexo. Debater sobre estas civilizações (Maias, Incas e Astecas) e suas características, para um aluno de Ensino Fundamental ou Médio, pode ser um tanto confuso, pois se trata de um tipo de assunto do qual o aluno não se sente parte. Geralmente, os documentários dessa temática são ricos em imagens e narrativas, uma vez que há muitos historiadores e pesquisadores dessa área presentes na produção.

Outras temáticas de documentário, como exemplo – a Ditadura Militar Brasileira – são ricas

em depoimentos por se tratar de um acontecimento atual para a História. É um momento no qual o professor pode enfatizar a importância da História Oral na construção da História ou as diversas perspectivas de colher ou obter dados como fontes históricas. O assunto é propício ao momento, haja vista a atual situação política brasileira e as referências de golpes citadas pelas mídias.

Desenhos animados

A animação é uma das produções considerada menos significativa por muitos professores dentro da sala de aula quando os alunos já não são mais crianças. Existe a crença de que toda animação é feita apenas para as crianças e que não há conteúdo considerável para a aprendizagem. Entretanto, pode-se afirmar que existem desenhos animados de conteúdos relevantes tanto para crianças quanto para adultos, sendo a narrativa determinante para a escolha. Como exemplo, os filmes do diretor e roteirista Satoshi Kon (*Perfect Blue* e *Paprika*) são animações consideradas de teor adulto, um suspense psicológico considerado complexo para adultos leigos em psicologia. A animação “*Perfect Blue*” (1997) serviu de inspiração para os filmes “*Cisne Negro*” (2010) e “*Réquiem para um sonho*” (2010), já “*Paprika*” (2005) inspirou “*A Origem*” (2010), filmes aclamados pelos críticos em cinema.

Na sala de professores, nas conversas informais, em algumas pesquisas, é comum ouvirmos sobre os efeitos maléficos que a TV e a programação infantil exercem sobre a criança de um modo geral. Se aprofundarmos a conversa, chegamos a ouvir que parte da indisciplina e de atitudes inadequadas das crianças são atribuídas às imagens e às mensagens que os meios de comunicação de massa, em especial a TV e a violência transmitida pelos desenhos infantis, provocam. Senso comum, reprodução viciada de um discurso difundido por estudos que enfocam apenas um lado do problema (MAGNO, 2003, p. 105).

Da mesma forma como são escolhidos os filmes e os documentários, os desenhos também precisam ser selecionados pelo professor conforme o conteúdo e contexto da disciplina. Antes da exibição da animação, o professor deve fazer o mesmo planejamento quando propõe um filme, fazendo, assim, uma breve introdução da narrativa do desenho, dialogando sobre os diretores, local, ano, produtores, etc. O professor pode perguntar as expectativas dos alunos antes da exibição e logo após, evitando o pré-julgamento e levando a produção com seriedade, propondo atividades ou avaliações.

Um exemplo clássico de desenho que pode ser trabalhado em sala de aula na disciplina de História é o curta-metragem de animação “*A face do Fuehrer*” (1943).

Figura 1: Donald lê o livro “*Mein Kampf*” (1925), de autoria de Hitler



Fonte: G1 – GLOBO (2015).

É um curta estrelado pelo famoso Pato Donald (Figura 1), porém pouco repercutido pela mídia. Em 1943, a *Walt Disney* lançou essa animação e logo gerou polêmica ao mostrar o Pato Donald como um nazista saudador de Hitler. No desenho, Donald trabalha insanamente em uma fábrica ao canto de homenagens a *fuehrer* pelos soldados nazistas. No final, o pato fica louco com tamanha pressão e acorda do pesadelo. Quando Donald acorda, ele se sente aliviado porque está nos Estados Unidos e volta a dormir tranquilamente em sua cama. É uma sátira de conteúdo e que se encaixaria perfeitamente na disciplina de História, basta o professor explorar os motivos que levaram a proibir tal produção e todo o desenvolver da narrativa até que o pato desperte.

Assistir ao desenho animado, e o momento de reflexão que foi proposto na sequência da exibição dos desenhos, propiciaram um ambiente de discussão preciosa para colaborar no processo de desenvolvimento moral e na realimentação de aspectos necessários para desenvolver uma “personalidade moral” [...] Um sujeito mais comprometido e responsável pelo coletivo do que somente com a instância individual (SILVA JÚNIOR; TREVISOL, 2009, p. 5050).

Magno (2003) sugere vários filmes em seu artigo “O desenho animado em sala de aula” que podem ser explorados por alunos a partir do primário. Como exemplo, os filmes “Anastásia” (1997) e “O Príncipe do Egito” (1998) são desenhos que contam histórias de povos, como russos, hebreus e egípcios. Aproveitando o momento, o professor pode explicar as diferenças entre contos, histórias e fábulas. E não somente isso, as animações permitem a interdisciplinaridade, envolvendo assuntos que vão desde a História à Geografia até questões sobre cultura e cidadania. É interessante que o professor organize uma pesquisa de tal forma que mostre outros aspectos e visões das histórias e dos povos, ou use os desenhos para exemplificar como uma história pode ser vista e contada sob diversos ângulos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou apresentar a importância das mídias nos processos de ensino e aprendizagem em História. Para isso, delimitou-se o tipo de mídias, dando enfoque à categoria de mídias visuais, dividindo-se entre as modalidades: vídeos, filmes, documentários e desenhos. Apesar do não desenvolvimento deste estudo na prática, a discussão e problematização são válidas, visto que toda prática precisa de um planejamento.

Uma das grandes dificuldades dos alunos na disciplina de História é o entendimento de si como sujeitos agentes da História. Isso significa que a maioria dos alunos não consegue associar a disciplina discutida em sala de aula com sua realidade. O uso das mídias no ambiente escolar é um caminho que traz muitos benefícios à aprendizagem se utilizado de maneira inteligente.

Conforme os dados deste estudo, entende-se que a mídia proporciona um momento de descontração aos alunos e, desse modo, eles conseguem aprender de maneira eficaz quando gostam da dinâmica da aula. O ensino não deve ser opressor e desgastante, o aluno é capaz de construir o conhecimento com autonomia. Como é amplamente difundido, as tecnologias estão se desenvolvendo e se democratizando cada vez mais, e não somente isso, a sociedade também está passando por mudanças nas esferas sociais. A escola precisa se adaptar à nova realidade dos alunos e comunidades às quais pertencem, pois a aproximação entre instituição e educandos contribuirá

para a aprendizagem, fixando o interesse dos alunos pelo ensino.

Pensando nisso, a gestão escolar e os professores precisam olhar as mídias como aliadas da educação já que são tão próximas dos alunos. De fato, essa é uma realidade desafiante aos professores que estão acostumados a serem detentores do conhecimento, adeptos aficionados pelo livro didático. Para que os professores consigam adaptar as mídias na sala de aula, é preciso o preparo desde a sua formação docente, algo que precisa ser inserido e debatido em muitas universidades brasileiras. Caso a instituição superior falhe nesse quesito, então, o professor deverá recorrer a cursos de aperfeiçoamento e especialização. A ideia é que o professor saiba efetivamente utilizar a mídia para que ela realmente tenha seu efeito de aprendizagem. Entre tantos desafios que os professores enfrentam, esse é um dos mais significativos para a prática: o saber utilizar as mídias tão bem ou mais que os próprios alunos acostumados com as mudanças da tecnologia.

Outra questão abordada neste estudo foi o uso das mídias como fontes na disciplina de História. O professor tem a capacidade de ir além dos livros didáticos ou das fontes bibliográficas ao utilizar as mídias propostas. Na maioria das vezes, vídeos, filmes, documentários e desenhos animados trazem a visão dos autores na obra. É importante que os alunos tenham em mente esse conhecimento para que eles consigam olhar tais produções de maneira crítica, desenvolvendo a reflexão. O saber originário das mídias propostas deve ser interpretado como uma fonte essencial na construção da História. Alguns exemplos de prática foram citados. No decorrer desta pesquisa, e em todas estas o professor necessariamente precisa conhecer a produção e a mídia, explanando sobre os dados da obra, evitando pré-julgamentos e sendo mediador da atividade. Isso remete ao fato de que conhecer e deter o saber técnico sobre a mídia é importante, mas não suficiente para a prática eficaz, pois é no desenvolvimento do ensino que efetivamente se obterá a aprendizagem dos alunos. As mídias podem colaborar nos processos de ensino e aprendizagem, mas tornam-se contrárias a esse objetivo quando não aplicadas efetivamente em sala de aula.

Nesse contexto, temos a seguinte pergunta inicial: de que maneira as mídias podem colaborar nos processos de ensino e aprendizagem em História? Primeiro, as mídias devem ser interpretadas como aliadas, ferramentas as quais proporcionam um ensino descontraído, visto que a aprendizagem não deve ser limitada aos livros didáticos e muros da escola. É possível associar ensino com diversão, assim o aluno se sentirá bem por estar presente em um ambiente de aprendizagem.

Segundo, as mídias são meios próximos aos alunos e devido a essa proximidade devem permanecer inseridas também no ambiente de aprendizagem. A maioria dos professores se irrita com celulares e com outros dispositivos que tomam a atenção dos alunos. Todavia, tais tecnologias são muito atrativas, possuem muitos aplicativos e interações sociais. Nesse caso, cabe ao professor utilizar esses dispositivos no contexto da disciplina. Seja por meio de redes sociais ou de vídeos, sempre existe uma forma de mesclar o conteúdo com tais tecnologias. Essa é uma maneira de ganhar a atenção dos alunos e fazer com que saibam utilizar as mídias a favor da aprendizagem. A grande parte dos alunos ou jovens sabe utilizar as redes sociais e aplicativos editores, mas poucos têm conhecimento de *sites* de buscas ou *sites* de pesquisas.

Por último, acreditamos que o uso das mídias no ensino de História possibilita uma aprendizagem mais ativa da disciplina, para além dos livros, mesmo que dentro da sala de aula. O aluno é fruto e sujeito da História. Sabendo disso, o professor deve trazer as mídias propostas neste estudo para que os alunos entendam que todas as obras estão sujeitas à historicidade do autor, pois o ser humano é fruto e agente da História. Os filmes, os desenhos e até mesmo as séries aos quais os alunos assistem em casa ou nos seus próprios dispositivos podem ser referências na escrita da História. As fontes bibliográficas ainda têm a sua importância e sempre terão, contudo, é preciso abrir espaço para demais fontes, observando sua relevância. As produções midiáticas se permitem ser analisadas de forma crítica e reflexiva, sendo proveitosas pelo conhecimento que proporcionam.

Uma atividade de lazer ou *hobbie* dos alunos pode ser debatida em sala de aula, o hábito de analisar ou questionar uma mídia deve ser uma constante dentro ou fora dos muros. No ambiente da aprendizagem, o professor é o mediador, responsável por elaborar uma atividade, seja complementando o livro didático ou contrapondo, propondo a historiografia, construindo a História ao lado do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação?** 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2009.
- BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- G1 – GLOBO. Vídeo com Pato Donald Nazista dá cadeira na Rússia; conheça a história. Redação GQ, set. 2015. Disponível em: <http://gq.globo.com/Blogs/Da-redacao/noticia/2015/09/video-com-pato-donald-nazista-da-cadeira-na-russia-conheca-historia.html>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- MAGNO, Maria Ignês Carlos. O desenho animado em sala de aula. **Comunicação & Educação – Revista do Departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP**, São Paulo, n. 27. 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/3119>>. Acesso em: 17 abr. 2016.
- MAYER, Richard. **Multimedia Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MORAN, José Manuel. Vídeos na sala de aula. **Comunicação & Educação – Revista do Departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP**, São Paulo, n. 2. 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131/38851>>. Acesso em: 17 abr. 2016.
- _____. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologia. **Revista Informática na Educação: Teoria & Prática**, Porto Alegre, v. 3, n. 1. 2000.
- PIZANNI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocenti. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 53-56, jul./dez. 2012. Disponível em: <www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- SALES, Eric de. História e Documentários: reflexões para o uso em sala de aula. **Revista Solta a Voz**, Goiânia, v. 20, n. 2. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ufg.emnuvens.com.br/sv/article/view/9866/0>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- SANCHEZ, Laís Alves. **Cinema e História: O uso de filmes nas aulas de História**. Universidade de São Paulo – Departamento de História, 2014. Disponível em: <<http://leamad.fflch.usp.br/node/514>>. Acesso em: 31 maio 2016.
- SILVA JÚNIOR, Adhemar G. da; TREVISOL, Maria Teresa Ceron. Os desenhos animados como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da moralidade. In: IX Congresso Nacional De Educação - Educere - III Encontro Sul-Brasileiro de Psicopedagogia, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2009, p. 5043-5054.
- SOUSA, Robson Pequeno de; SERAFIM, Maria Lúcia. **Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247-02.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- SOUZA, Thyago Ruzemberg Gonzaga de. Refletindo sobre os documentários no ensino de História. In: II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Mídia, 2011, Jataí. **Anais...** Editora Caderno de Resumos e Programação, 2011, p. 1-7.